

# A EDUCAÇÃO RURAL SOB A PERSPECTIVA DOS DISCENTES DA ESCOLA RURAL MODELO ANÍBAL FALCÃO/ALBERTO TORRES NAS DÉCADAS DE 1930-40.

Resultado de investigação finalizada.

GT 22- Sociologia da infância e juventude

Tatiane Oliveira de Carvalho Moura  
Maurício Antunes Tavares

## Resumo

Este trabalho trata da memória sobre as vivências das crianças que estudaram na Escola Rural Modelo Aníbal Falcão/Alberto Torres nas décadas 1930-1940. Institucionalizada em 1933, a Escola Modelo Rural de Tejipió, Recife respondia às questões que a modernização e urbanização ressaltaram. Esta escola estava dentro dos preceitos escolanovistas e articulava ciência e agricultura. O Semeador, jornal escolar editado pelos alunos e distribuído nacionalmente, serve como fonte direta de observação a respeito do ponto de vista dos alunos da escola supracitada. Tem-se por objetivo compreender as experiências das crianças que viviam no entorno de Recife. Assim, dentro do contexto sócio-político, percebe-se que a socialização dos discentes esteve permeada por discursos de formação de uma subjetividade rural.

**Palavras-chave:** memória dos discentes; Escola Rural Modelo; educação rural;

## Introdução

Este trabalho aborda as diferentes socializações às quais as crianças foram submetidas na Escola Rural Modelo Aníbal Falcão/Alberto Torres na década de 1930 até início da década de 1940. Esta escola é estudada em especial por atender a uma demanda específica, sendo, segundo Mathilde Brasileira (1935), a única neste tipo àquele momento. Com espaços e professores especializados em ensino agrícola, a Escola Rural Modelo aliava o ensino prático ao teórico através da ciência. Os professores iriam aprender a lecionar o ensino rural nesta escola, para assim, disseminá-lo pelo país. Há que se considerar as mudanças sociopolíticas do início do século XX no Brasil e no mundo. Com uma crescente industrialização e urbanização, todo o paradigma de vida foi se reformulando naquele período.

A vida social passa gradualmente a ocorrer nas cidades brasileiras, e não mais nas fazendas, então São Paulo, Rio de Janeiro e Recife já eram grandes centros urbanos superlotados. A força das elites rurais havia sido debilitada com a crise financeira mundial e crise política que culminou na ascensão de Getúlio em 1930. Também, apesar de a população rural ainda ser maior que a urbana, a massa que migrava para as cidades abarrotando cortiços era um problema considerável para as elites citadinas.

Segundo Maia (1982), a escola rural viria responder o problema desses dois lados; tanto impediria que o agricultor saísse do campo, como evitaria uma massa crescente de favelados. A escola rural, segundo Mennucci (1935), tinha o problema de utilizar professores urbanos para lecionar nos meios rurais, e isso acarretaria em insatisfação do docente que pregaria para seus alunos os benefícios da vida nas cidades. Para este mesmo intelectual, o progresso do Brasil se daria através da agricultura, já que este país era e é eminentemente rural. O que se precisava ser repensado era como estava sendo feita a educação aos filhos de agricultores.

Em Pernambuco, a convite do governador, Leão implantou uma reforma educacional em 1926-27, que já tinha esboços do que viria a ser o Movimento Escola Nova (SELLARO, 2009). Dentro dos preceitos de uma escola geral, universal, laica e única, a escola rural teria considerada a sua especificidade. E, assim, em 1933 foi implantada a Escola Rural Modelo Aníbal Falcão<sup>1</sup>.

#### Metodologia

Foi realizada uma pesquisa documental de análise qualitativa. Durante o período de novembro e dezembro de 2011 e julho de 2013 foram coletados documentos que tratassem da vivência das práticas escolares da Escola Rural Modelo Aníbal Falcão/ Alberto Torres. Entre as fontes coletadas, o jornal escolar O Semeador é a principal amostra da perspectiva dos alunos que foram submetidos àquele tipo de pedagogia. Este jornal era elaborado e escrito pelos alunos, que não postavam somente suas experiências em sala de aula, mas também fora dela, em visitas a indústrias, fazendas, viagens, etc.

Assim, o jornal O Semeador é fonte polifônica da fala das crianças que estudaram na Escola Rural Modelo de Tejipió. Por isto, tomamos “emprestada” a perspectiva proposta por Le Goff (1995), considerando que documentos são produção de realidades, construção de fatos e, como tais, devem ser apreendidos como objetos construídos historicamente, com intencionalidades que se afiliam a sujeitos sociais, instituições, ideologias e às lutas de poder.

Ainda, baseando-se na teoria de memória de Halbwachs (2004), as impressões dos atores em questão (as crianças) se fizeram inter-relacionadas e simultaneamente. Portanto, o recorte no olhar dos discentes propõe um viés específico, mas não único, já que diversos atores estiveram em palco ante a disputa da subjetividade de um novo “rural” no Brasil do início do século XX.

Desta forma, este trabalho demonstrará a perspectiva de memória construída sob o olhar das agências que vivenciaram efetivamente as práticas pedagógicas da Escola Rural Modelo. Além disso, é preciso esclarecer que, por ser um veículo de uma nova subjetividade rural, foi considerada a possibilidade de que os professores possam ter editado esse periódico, uniformizando-o e exortando-o de possíveis erros.

#### Resultados e Discussão

O cenário em que a Escola Modelo Rural Aníbal Falcão/Alberto Torres foi instituída era de transformação, não só brasileira, mas também mundial. Há que se recordar que era um período entre guerras, e as perspectivas de mundo haviam se reformulado naquele início do século XX. No Brasil, Vargas assume o poder em 1930 por conta de insatisfações e disputas políticas entre as elites do café em São Paulo e do leite em Minas Gerais e as elites rurais dos outros estados. O pós 1º Guerra Mundial, com altos índices de mortandade sugeria uma nova concepção do Homem em suas inter-relações.

No contexto educacional, o Movimento Escola Nova, proposto por intelectuais brasileiros, vinha discutir as bases da educação pública nacional. Várias eram as colocações que estes estudiosos pleiteavam no Brasil, entre elas também estava a educação rural. O ensino deveria ser geral, laico, sem distinção de gênero ou classe social, universal, mas que considerasse as especificidades de cada localidade (MANIFESTO 1932). Ainda, deixaria de ser livresco, a modelo francês, e passaria a ser técnico-científico, como o norte-americano. Baseado nisso, a educação rural deveria ser lecionada por professores especializados neste tipo de ensino, que interpelassem o aluno a se manter na terra, e amala.

A formação destas crianças tinha como fim ensiná-las a lidar na vida prática com o trabalho rural. Todavia, não se trata tão somente de uma valorização da vida campesina, mas uma remodelação de

---

<sup>1</sup> Em setembro de 1935, através do ato 905, o governo estadual decide pela mudança no nome da Escola Rural Modelo Aníbal Falcão para homenagear o sociólogo, pensador e político Alberto Torres, passou a escola a se chamar Escola Rural Alberto Torres.

como deveriam se portar aqueles filhos e filhas de agricultores que viviam nos arrabaldes recifenses. Além de um ensino higienizador, moralista, estava sendo formado um novo trabalhador rural. Este seria detentor do conhecimento da terra, aplicando-o por meios científicos, havendo uma clara desvalorização da tradição oral.

O mais significativo indicador de que essa era uma educação voltada para o trabalho, para a vida prática, é o fato de que o logotipo do jornal *O Semeador* é um grupo de quatro crianças com enxadas em punho, vestindo roupas uniformes, todos os quatro com chapéus de palha trabalhando em uma pequena horta ou plantação. Ainda, há a presença de meninas no desenho, já que dois vestem calções e dois estão de saia. Essa estrutura do logotipo reforça a ideia de que o ensino não fazia distinção quanto a gênero, o que também se confirma através do desenho e dos nomes dos redatores d'*O Semeador*.

Mas há outras passagens em que os alunos dão a dimensão do lugar do trabalho naquela escola. Por exemplo, na edição nº6, ano 4, de julho de 1935, na quarta e última página, há a seguinte frase do Dr. Alberto Sampaio: “Quem trabalha tem!... Na lavoura tem mais quem cultiva melhor!...”. No ano seguinte, 1936, na edição nº 7, do ano 5, de agosto, logo na segunda página a aluna Beatriz Jesuina da Silva, de catorze anos, reproduziu um conto em que se conta a história de um homem rico, que por deixar de trabalhar empobreceu, enquanto que um pedinte, com o trabalho pôde enriquecer. Eis um trecho: “... quando um mendigo se aproximou e lhe pediu uma esmola, pelo amor de Deus. O rico respondeu: Vá trabalhar. Você está assim magro e pálido de preguiça. [...] O rico deixou de trabalhar e começou a gastar tudo o que possuía”. Através dessa pequena historinha é visível a importância do trabalho como fonte única de enriquecimento. Ademais, há inúmeras descrições e fotos de aulas práticas de agricultura, avicultura, pequenas indústrias, etc. Para exemplificar, a edição de nº 1, ano 3, fevereiro de 1934, página 2, sob o título de “Sementeira de Fartura”, o aluno Eutropio Wilhelm, do 5º ano, descreve como foi a plantação da fartura, quais cuidados tiveram e quais ensinamentos a professora de agricultura lhes passou. Entre os mais impressionantes relatos está o de agosto de 1935, ano 4, nº 7, página 2, no qual a aluna Alliete Bezerra de Mello, do segundo ano, no intuito de ganhar o prêmio Odilon Braga, e ser considerada a melhor caçadora de saúvas “...até à noite andou a espreitar as saúvas, à porta do saubeiro. Nem uma escapou, nos disse ella, mutto contente”. Acima da reportagem há a foto da referida aluna, sentada ao chão com uma enxada na mão direita.

No cenário desta época, o trabalho começa a ser o ponto nevrálgico do mundo moderno por deixar de ser apenas uma obrigação das classes pobres ou escravas. O trabalho é disseminado para as classes médias, baixas. O que está em curso de mudança é o lugar do trabalho. Ora, ele deixa de ser algo restrito das classes pobres e se estende, transformando-se no único meio de ascensão social.

Sob a perspectiva da educação prática aliada à teórica: o ensino prático está fortemente aliado ao valor do trabalho para as concepções de mundo que estavam se formando. Ora, ensinar na “prática” a realidade seria mostrar ao aluno como ele iria e deveria trabalhar. O que se está pondo através da escola é a formação do braço trabalhador. Esta composição do trabalho como elemento fundamental e único para a ascensão social está expressa fortemente no conto anterior, mas também está diluída nas diversas vezes em que os alunos descrevem o quanto foi importante e proveitoso a aula prática de agricultura, na qual eles aprenderam que a plantação deve ser de tal ou qual forma.

Na edição d'*O Semeador* de fevereiro de 1934, na página 2, a aluna do 2º ano, Alice Alexandre da Silva, dá o seguinte relato: “Logo ao chegar à escola fomos ao canavial, que fica no fundo do sitio da mesma, onde a professora deu uma aula sobre a cana de açúcar”. E isso não se restringe à agricultura, mas a outros setores como a criação. Na edição de fevereiro de 1935, nº 1, ano 4, página 2, a aluna Judith dos Santos Souza, do 1ª ano C, descreve sua aula de criação de coelhos: “Hoje tivemos uma aula sobre os coelhos. A nossa professora nos levou para o campo. Vimos um compartimento dividido em 6 partes. Em cada parte havia uma casinha com dois ou três coelhos”. Comprovando, desta forma, que em muitos momentos os ensinamentos não se restringiam às paredes de uma sala de aula.

Para Mennucci (1935) a agricultura englobava todas as ciências, e assim a escola rural deveria ter um ensino científico, empírico. Esta é outra característica perceptível n’O Semeador. Por exemplo, em fevereiro de 1934, uma aluna do 5º ano expõe uma cultura de amoreira e dá descrição de medidas e formas de fazer um bom plantio de amoras (p.1). Nesta mesma edição, há informações cedidas pela Escola de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais sobre a criação de pintos. Após pontuar seis observações sobre elementos imprescindíveis para um aviário, o artigo demonstra qual a finalidade da produção “Com a consideração dos pontos acima, a criação torna-se uma fonte de rendimento e prazer nas fazendas” (p.2). Ainda no mesmo exemplar, na seção “Pequenas Industrias”, a aluna Nair Escolatica, do 5º ano, faz um resumo da aula de pequenas indústrias, e de como foi o processo de ensino e fabrico de pó para dentes (p.3).

Como esse era um modelo que tinha imbuído em seus objetivos disseminar um novo modelo de ruralidade, a escola contava também com professoras de outros estados. Estes vinham para Recife especializarem-se no ensino rural tal qual pregaram Mennucci e Leão ao defenderem um professor específico para as escolas do campo. Em diversos trechos d’O Semeador os alunos relatam a presença de docentes interestaduais. No ano 4, nº2, de março de 1935, página 2, o aluno do 5º ano Manoel Carlos da Silva, ao descrever o plantio de milho, apresenta a foto com a seguinte legenda: “A professora Stella de Araújo Goes, **elemento de escol do professorado bahiano**, ora em estagio na Escola Rural Modelo, auxiliando os alumnos no plantio do milho”. Ainda, a aluna Nilza Guerra, do 4º ano, na matéria sob título “As professoras da Bahia e da Parahyba despedem-se da Escola Rural Modelo” (maio, 1935, p.3) relata a festa que os alunos organizaram para se despedir do professorado; “Commissionadas pelos governos da Bahia e Parahyba, estiveram entre nós algumas professoras que vieram observar o movimento educacional de Pernambuco, principalmente no que se refere ao ensino rural. Para isso estagiaram durante dois mezes em nossa Escola Rural Modelo...”(p.3).

A presença de educadoras de outros estados remete também ao fato de que esta escola estava em intensa relação com diversos outros lugares, no intuito de se difundir como um tipo a ser seguido. O jornal O Semeador, por exemplo, tinha uma tiragem de aproximadamente 2.000 exemplares, que eram distribuídos em diversas escolas brasileiras. E, ademais, tinha estreita ligação com a Sociedade de Amigos de Alberto Torres, a qual enviava e recebia artigos sobre trabalhos no campo, como por exemplo, a coluna “A Sauva”, em março de 1935, na primeira página. Além disso, logo em abril de 1934, a mesma sociedade convidou a diretora da escola para o cargo de Delegada Regional para a recém-criada Federação Brasileira dos Clubes Agrícolas Escolares.

Outra fonte de troca de experiência eram as excursões e visitas que as crianças faziam. A exemplo, n’O Semeador a aluna Abigail Mignac, de 13 anos, contou sobre a visita a uma granja, a qual, segundo a redatora, seria impressionante pela organização, com chocadeiras elétricas e aves importadas da Inglaterra(março, 1935, p.3). Outros relatos de passeios e fotos são recorrentes no periódico, geralmente feitos a indústrias e plantações.

#### Um outro modelo

Com o contra golpe de Getúlio, em 1937, Agamenon Magalhães assume o governo pernambucano e a Igreja católica reassume a educação. “Na Religião, a pedagogia se completa e aperfeiçoa”(GOVERNO DO ESTADO, S/D, p.24). Também por meio d’O Semeador, percebe-se que a ideia de “rural” traz a forte valorização do trabalho, mas desvinculado da cientificidade. Além de forte cunho nacionalista.

Foram encontrados exemplares d’O Semeador entre 1934-1937. Não foram encontrados folhetos correspondentes aos anos de 1938, 1939, 1940, 1941. Todavia, o exemplar de 1942, o último ano de produção deste jornal, pelo que se tem notícia, difere em vários aspectos dos anteriormente descritos. Primeiro, a qualidade tipográfica cai consideravelmente, e este passa a ser mimeografado. Contudo, o aspecto mais relevante é o conteúdo do folheto mensal. Este ainda conserva alguns valores, como o

lugar central do trabalho na vida do camponês, mas passa a apresentar fortes aspectos religiosos que antes não eram perceptíveis.

Se nas tiragens de 1934 até 1937 uma única vez foi encontrada menção ao catolicismo, durante o ano de 1942 diversas vezes há declarações evidentes de vínculo com a Igreja Católica. Como demonstração, a edição especial feita somente para homenagens aos Papa Pio XII. Também a sessão, antes inexistente, “parte religiosa”.

Ademais dessa forte tendência religiosa, o jornal intensificou o forte cunho nacionalista, com homenagens a Getúlio Vargas, o então presidente. A edição de abril de 1942, ano 8, nº3, é somente em reverência ao aniversário de Vargas. Há na primeira página da supracitada edição, um desenho com crianças segurando uma faixa com os dizeres “Os sócios do Clube Agrícola Alberto Torres saúdam o querido presidente do Brasil”(p.1). Vargas, desde 1930 era o presidente, todavia até aquela edição nenhuma outra fazia referencia ao natalício do governista. Contudo, não se pode afirmar que é ausente o caráter nacionalista entre os anos de 1934 até 1937, mas esta característica se apresentava de forma mais tênue, enquanto que esta edição de abril de 1942 mostra a forte valorização da pessoa de Vargas como líder político no Brasil.

Outro traço que se manteve foi a predominância do trabalho como único meio de ascensão e reconhecimento social. Entre as observações do relatório descrito na edição de setembro de 1942, é colocado “Trabalhamos muito no campo da nossa Escola” (p.3). Ainda, o higienismo perdurou, tanto que na edição de agosto de 1942, há um desenho de um agricultor com enxada em punho, sentado em uma pedra, e abaixo da figura há os seguintes dizeres: “Combater amarelão, isso é fácil de fazer. Não ande de pés no chão. Ferva água para beber” (p.4).

De acordo com as oscilações percebíveis através do periódico escolar é notável também que a educação infantil **perpassa** pelos discursos dentro da sociedade. O olhar dos infantes esteve direcionado dentro das problemáticas da formação da subjetividade do “rural”. Considerando ainda que este modelo escolar estava voltado para os filhos e filhas de agricultores, a Escola Modelo Rural Aníbal Falcão/Alberto Torres esteve no cerne das disputas do que era/deveria ser o “homem rural”. Este sendo formado através dos alunos desta escola.

#### Conclusões

Tomando como pano de fundo as mudanças sociais, econômicas e políticas que o Brasil, e em especial, Pernambuco passavam naquela primeira metade do século XX, foi-se discutido as apropriações às quais eram submetidas as crianças, muitas vezes filhas de agricultores, dentro do espaço escolar. O direcionamento de uma geração foi guiado por uma disputa política e de poder. A formulação de uma proposta político-pedagógica para a transformação do homem e da mulher do mundo rural estava presente na educação rural implementada na escola em questão. Diante de uma elite rural falida e esfacelada, o modelo de educação oscilou entre a reformulação de um camponês produtor, o qual conhecia cientificamente a terra que lhe daria lucros ou um habitante do espaço rural, o qual facilmente se submeteria às condições de trabalho degradantes.

Entre estes dois modelos o que vigorou foi o segundo, como é mostrado nas memórias registradas dos alunos. O jornal O Semeador enquanto fonte da voz das crianças dessa escola revela uma parte das vivências que se passaram dentro dos muros da Escola Rural Modelo de Tejiipió. E, desta forma, constitui parte da memória coletiva (HALBWACHS, 2004) das crianças e adolescentes dos arrabaldes recifenses.

Por fim, há que se ressaltar o fato de que este projeto pedagógico esteve calcado na crença do poder que é direcionar uma geração de crianças e nelas inculcar as égides de uma constituição de sociedade. O lugar e papel das pequenas gerações seria o de receber uma nova fórmula de Homem moderno, principalmente de Homem Rural.

## Bibliografia

ANUARIO DE PERNAMBUCO. 1935

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

LEAO, A. Carneiro. *A missão dos educadores na formação da juventude de nossa época*. Aula inaugural na reitoria da univ. do rio. Reimpressão de “Educação”, 1 e 4 trimestre de 1959.

LEÃO, A. Carneiro. *A sociedade rural e seus problemas e sua educação*. Rio de Janeiro: Editora S. A. Noite, (1939).

MAIA, Eni Marisa. Educação Rural no Brasil: o que mudou em 60 anos? In: *Revista da Associação Nacional da Educação*. Editora Cortez. n. 3, 1982.

MENNUCCI, Sud. *Pelo Sentido Ruralista da Civilização. Subsídios para a história do Ensino Rural no Estado de São Paulo (1892-1935)*. São Paulo: Empresa Graphica da Revista dos Tribunaes, 1935.

O SEMEADOR. Pernambuco: Orgam Oficial dos alumnos da Escola Rural Modelo, 1934-1942.

REALIZACOES DO ESTADO NOVO. EM PERNAMBUCO. Imprensa oficial: Recife, 1942.

Relatório apresentado ao Exm<sup>o</sup>. Snr. Presidente da República. Imprensa oficial. Recife, 1938-1939.

Relatório apresentado ao Exm<sup>o</sup>. Snr. Presidente da República. Imprensa oficial. Recife, 1940.

SELLARO, L. R. A. *Educação e modernidade em Pernambuco. Inovações no ensino público (1920/1937)*. . Recife: Ed. Universitária UFPE. 2009.